

UNIVERSIDADE FEDERAL DE AMAZONAS – UFAM

FACULDADE DE PSICOLOGIA - FAPSI

CURSO DE PSICOLOGIA

EDEN QUEIROZ DE OLIVEIRA

**POR UMA ESCUTA SUBVERSIVA: A CLÍNICA PSICANALÍTICA FRENTE ÀS
TRANSIDENTIDADES NÃO-BINÁRIAS**

MANAUS/AM

2023

EDEN QUEIROZ DE OLIVEIRA

**POR UMA ESCUTA SUBVERSIVA: A CLÍNICA PSICANALÍTICA FRENTE ÀS
TRANSIDENTIDADES NÃO-BINÁRIAS**

Artigo científico apresentado à Faculdade de Psicologia – FAPSI, como Trabalho de Conclusão de Curso e requisito básico para obtenção de Título de Psicólogo(a) no Curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Orientador: Prof. Dr. Marck de Souza Torres

MANAUS/AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Oliveira, Eden Queiroz de

O48p Por uma escuta subversiva : a clínica psicanalítica frente às transidentidades não-binárias / Eden Queiroz de Oliveira . 2023

32 f.: 31 cm.

Orientador: Marck de Souza
Orientador:
Torres

TCC de Graduação (Psicologia - CH Formação do Psicólogo) -Universidade Federal do Amazonas.

1. Clínica psicanalítica. 2. Transidentidades não-binárias. 3. Gênero. 4. Sexualidade. I. Souza, Marck de. II. Universidade Federal do Amazonas
III. Título

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Amazonas – UFAM, por oportunizar o ensino gratuito e de qualidade em conjunto com o desenvolvimento à pesquisa e à divulgação científica.

À Faculdade de Psicologia – FAPSI, por ser um espaço não somente de compartilhamento de conhecimentos, mas também de troca de afetos, sonhos e esperanças para o futuro, mesmo em tempos mais difíceis onde a visão de um futuro pareceu tão turva.

Aos meus professores, em especial: Prof.^a Ana Cristina Fernandes Martins, Prof. Breno de Oliveira Ferreira, Prof.^a Consuelena Lopes Leitão, Prof. Ênio de Souza Tavares e Prof.^a Iolete Ribeiro da Silva, por serem meus grandes guias e maiores referências durante todo o processo de graduação, por serem mais que professores, serem meus amigos e incentivadores, que me ouviram, me auxiliaram, me apoiaram e acreditaram verdadeiramente no meu potencial enquanto pesquisadora e futura profissional da psicologia, sem vocês nada disso seria possível. Obrigada por plantarem em mim a semente para pensar um fazer Psi humano, coletivo e verdadeiramente crítico.

Agradecimento todo especial ao meu grande orientador, Prof. Dr. Marck de Souza Torres, pelo zelo, paciência e afeto ímpar para comigo durante toda a construção desse trabalho.

Aos meus amigos, em especial Daniel Ribeiro Arteiro e Felipe Gonzaga de Carvalho Gondim por todo o suporte.

Aos meus pais, pelo suporte financeiro.

À todas as pessoas transgênero e não-binárias e demais dissidentes do sistema sexo-gênero, que nós possamos produzir muito mais sobre nós e para nós dentro das academias mundo afora.

**“Chegou a hora de levar os divãs para as praças
e coletivizar a fala, politizar os corpos,
desbinarizar a sexualidade e descolonizar o
inconsciente.”**

(Paul B. Preciado)

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar perspectivas de psicólogos de orientação psicanalítica em relação a convergência entre clínica e discussões sobre transidentidades não-binárias, a fim de explorar possíveis desafios no que tange o atendimento dessa população. Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas com sete profissionais. Os dados foram analisados utilizando o Método de Interpretação dos Sentidos. Os profissionais entrevistados demonstraram incompreensão sobre as transidentidades não-binárias, sendo identificado um processo de invisibilização que produz patologização. A incompreensão foi justificada como resultante de um déficit na formação. Observou-se um distanciamento dessas demandas, de forma que recorreram a uma suposta neutralidade ética. Ponderou-se acerca da necessidade de considerar os estudos contemporâneos de gênero de forma transdisciplinar e a importância da análise pessoal como alternativas para um fazer clínico emancipatório. Assim, torna-se possível a concepção de uma escuta subversiva para a clínica psicanalítica através do questionamento constante de paradigmas ortodoxos e do regime binário de gênero.

Palavras-chave: Clínica Psicanalítica, Transidentidades Não-binárias, Gênero, Sexualidade.

ABSTRACT

This study aims to analyze perspectives of psychoanalytically oriented psychologists in relation to the convergence between clinic and discussions about non-binary transidentities, in order to explore possible challenges regarding the care of this population. Semi-structured individual interviews were conducted with seven professionals. Data were analyzed using the Sense Interpretation Method. The interviewed professionals demonstrated a lack of understanding about non-binary transidentities, identifying a process of invisibility that produces pathologization. The lack of understanding was justified as a result of a lack of training. A distancing from these demands was observed, so that they resorted to a supposed ethical neutrality. The need to consider contemporary gender studies in a transdisciplinary way and the importance of personal analysis as alternatives for an emancipatory clinical practice were considered. Thus, it becomes possible to design a subversive listening for the psychoanalytic clinic through the constant questioning of orthodox paradigms and the gender binary regime.

Keywords: Psychoanalytic Clinic, Non-binary Transidentities, Gender, Sexuality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. MÉTODO.....	12
2.1. Delineamento.....	12
2.2. Participantes.....	12
2.3. Procedimento de Coleta de Dados.....	13
2.4. Procedimento de Análise de Dados.....	14
2.5. Procedimentos Éticos.....	14
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
3.1. Invisibilidade social e processos de patologização.....	15
3.2. Défice na formação acadêmica.....	17
3.3. Neutralidade ética e contratransferências transfóbicas.....	19
3.4. Escuta subversiva e alternativas para um fazer clínico emancipatório.....	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5. REFERÊNCIAS.....	28
6. TABELAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

Em uma sociedade marcada por uma categorização social de gênero, as pessoas são classificadas de forma binária como homens ou mulheres de acordo com as características de sua genitália no nascimento. Ao contrário, as pessoas trans (transexuais e/ou transgêneros) não se identificam como pertencentes ao gênero que lhes foi designado. No imaginário social prevalece uma tendência ao reconhecimento identitário particularmente a partir de uma “transição” de gênero quando esta é feita para o seu oposto, concepção influenciada por um discurso médico-moral moderno predominante (LIMA & VORCARO, 2020).

Em consonância, as transidentidades não-binárias (TNBs) não se submetem a essa normativa, pois partem do princípio de uma não conformidade com o binário de gênero pré-estabelecido socialmente, podendo ser os dois, nenhum, outros gêneros ou ainda fluir entre alguns deles, podendo a pessoa não-binária desejar ou não fazer uma transição medicamentosa e/ou intervenções cirúrgicas (HARTEMANN, 2019; LIMA & VORCARO, 2020). As TNBs confrontam o discurso biomédico ocidental-moderno que se apoia na negação da variabilidade imensurável de corpos e subjetividades humanas a partir de variáveis de caráter cromossômico, gonadal, hormonal, genital, psicológica, social e política, uma vez que transcendem as estruturas regulatórias da normativa heterossexual dominante no campo científico (PRECIADO, 2018).

Com a publicação do texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de 1905, Freud subverteu os esquemas tradicionais sobre a sexualidade humana ao distinguir-se da norma reprodutiva heterossexual como ideal de normalidade psíquica estabelecida pela psiquiatria, construindo seus contrapontos principalmente a partir da conceituação da pulsão sexual e dos estudos das chamadas perversões

(AYOUCHE, 2014). Apesar de seu pioneirismo ao explorar a sexualidade humana para além da norma heterossexual biologizante, a herança do dispositivo médico da diferença sexual não ficou sem marcas na história da psicanálise, inclusive, Freud não escapou completamente das classificações normativas da medicina psiquiátrica, perpetuando o modelo da diferença sexual diversas vezes em sua teoria (AYOUCHE, 2020; LIMA & VORCARO, 2020).

No impulso de contestar a naturalização de categorias julgadas como universais (como mulher ou homem) em psicanálise, Ayouch (2019) discorre acerca da concepção de hibridez. A capacidade de hibridar-se com outros discursos é intrínseca à psicanálise e atravessa seus conceitos e sua epistemologia desde suas origens, uma vez que não faltaram diálogos com outros campos do conhecimento: da medicina à lógica, passando pela antropologia. Nota-se também que o fenômeno da transferência, essência da prática clínica, mostra-se como uma hibridez, é mútua e ambos saem transformados do encontro analítico. Assim, a hibridez mostra-se como uma abertura da psicanálise para a transformação, um devir gradativo que surge do encontro com a diferença (MARTINS, 2022).

As transidentidades questionam o “ponto cego” das teorias psicanalíticas binárias, trazendo ao debate a necessidade de um reposicionamento teórico-metodológico que vise situar essas pessoas em posição de protagonismo em suas próprias vivências, a fim de promover sua participação direta na reconfiguração das teorias com o intuito de desconstruir efeitos patologizantes. Trata-se de levar em conta as violentas contratransferências de vários psicanalistas provocadas pelas questões transidentitárias e a partir de então pensar, junto com as pessoas trans, esses chamados transtornos de identidade de gênero ou disforia de gênero. As equipes de profissionais de saúde mental se preocupam em curar a todo custo uma experiência

transgênera patologizada e negligenciam os transtornos motivados pelas suas próprias discriminações (AYOUCHE, 2015).

As possibilidades de construção de identidade que rejeitem o binarismo heterossexual são possibilidades de experimentação compreendidas como “espaços intermediários” que rompem com as oposições dualistas e criam subjetividades, longe dos essencialismos biológicos (DA FONSECA PALMIERE & BERNARDES, 2021). Diante disso, faz-se necessário subverter o binarismo de gênero e estudar o gênero em psicanálise pela via da desnaturalização de verdades estabelecidas, compreendendo as múltiplas possibilidades para além do binarismo, pois é no rompimento dessas normativas que as pessoas não-binárias encontram espaços e ressignificam modos de ser e estar no mundo, recriando combinações e remanejando corpos e desejos (PADILHA & PALMA, 2017).

O presente trabalho objetiva discutir as perspectivas dos profissionais da psicologia que atuam com psicanálise no estado do Amazonas ao que se refere às questões das transidentidades não-binárias a fim explorar os desafios da clínica psicanalítica contemporânea em relação ao atendimento dessa população em específico.

2. MÉTODO

2.1. Delineamento

A pesquisa possui delineamento qualitativo, do tipo exploratório.

2.2. Participantes

Participaram do estudo sete profissionais da psicologia com formação em psicanálise, sendo, três mulheres cisgêneras heterossexuais, uma mulher cisgênera

bissexual, uma mulher cisgênera homossexual e dois homens cisgêneros heterossexuais com idades entre 24 e 43 anos, com experiência em atuação psicoterapêutica entre 9 meses e 18 anos nas esferas pública e/ou privada, residentes na cidade de Manaus e com grau de escolaridade variando de pós-graduações *latu sensu* (n=2), mestrado (n=4) e doutorado (n=1). Os critérios de inclusão foram ter formação superior em Psicologia com registro no Conselho Regional de Psicologia, atuar com intervenções psicoterapêuticas na esfera pública e/ou privada, possuir experiência profissional de pelo menos seis meses e formação psicanalítica.

2.3. Procedimento de Coleta de Dados

Os participantes foram recrutados por meio de cartão-convite divulgado nas redes sociais (*facebook, instagram, telegram e whastapp*) contendo os critérios de inclusão e dados para inscrição realização das entrevistas. Logo depois, os interessados preencheram um formulário de dados sociodemográficos na plataforma *Google Forms*. O formulário era composto pelas seguintes variáveis sociodemográficas idade, gênero, município, formação, instituição de atuação, abordagem psicoterápica, tempo de experiência, nível de escolaridade. Foram realizadas sete entrevistas individuais com cada participante, por meio de entrevista semiestruturada. As perguntas foram alternadas e modificadas de acordo com o andamento da entrevista para que informações detalhadas sobre alguns tópicos específicos possam ser obtidas.

Devido a Pandemia de Covid-19, as entrevistas foram realizadas por meio da ferramenta digital *Google Meet*® com licença fornecida pela Universidade Federal do Amazonas, os membros inscritos para participar do grupo receberam *link* de acesso. No início das entrevistas foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em

seguida foi encaminhado um *link online* para assinatura, bem como cópia por e-mail, assegurando aos participantes o conhecimento de todas as etapas da pesquisa. As entrevistas foram moderadas pelo primeiro autor que é não-binário, num tempo médio de uma hora de duração, a partir de um roteiro de perguntas. As atividades foram gravadas em vídeo e áudio, para posterior transcrição, e para fins de análise dos dados.

2.4. Procedimento de Análise de Dados

No presente estudo foi utilizado o Método de Interpretação dos Sentidos (Gomes et al., 2005) que se baseia em princípios hermenêutico-dialéticos que buscam interpretar o contexto, as razões e as lógicas de falas, ações e inter-relações entre grupos e instituições.

Na trajetória analítico-interpretativa dos textos serão percorridos os seguintes passos:

[INSERIR FIGURA 1]

2.5. Procedimentos Éticos

O presente projeto de pesquisa foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal do Amazonas com parecer nº 4.224.154.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da análise dos dados, foram categorizados os seguintes sentidos, (3.1.) Invisibilidade social e processos de patologização; (3.2.) Défice na formação acadêmica; (3.3.) Neutralidade ética e contratransferências transfóbicas; e (3.4.) Escuta subversiva e alternativas para um fazer clínico emancipatório. Para

apresentação dos resultados e proteção da identificação dos participantes da pesquisa, optou-se por utilizar nomes de autores da história da psicanálise nacional e internacional (Hermann Rorschach, Marie Bonaparte, Jean Laplanche, Sabrina Spelrein, Adelhein Koch, Karen Horney e Virgínia Bicudo) para respeitar o sigilo da pesquisa.

3.1. Invisibilidade social e processos de patologização

Os profissionais entrevistados manifestaram através de seus relatos desconhecimento no que diz respeito a compreensão sobre as transidentidades não-binárias. Assim, é possível identificar a existência de um processo de invisibilização dessas identidades não somente no campo clínico da psicanálise, mas, de uma forma geral, nas diversas instituições que compõem uma sociedade cisgênera e binarista.

Eu ouvi falar pouco, assim, sobre. Porque a gente sabe que na XXXX é bastante presente a questão da sexualidade, a questão de gênero, mas pra isso é preciso trilhar por esse caminho, ou seja, por pesquisa, seja por outras coisas. E acabou que eu não tive oportunidade de trilhar esses caminhos né. E acaba que a gente não tem disciplinas obrigatórias pra isso. (Laplanche)

(...) Eu não lembro disso, pelo menos não me ensinaram na graduação. Não ouvi ninguém falar sobre isso, eu tive que ir atrás né? Então assim, quando eu digo ir atrás é como se eu dissesse assim: tá acontecendo as coisas, as discussões e a gente que talvez esteja por fora, então a gente tem que ir atrás. Então eu acho que tá acontecendo esses debates, é... eu acho que não chegue em todo mundo da psicanálise, o que é uma pena, e isso é culpa dos psicanalistas mesmo que provavelmente estão estudando pouco né? É... tem isso, estão estudando pouco. (Rorschach)

(...) Quando eu ouvi falar sobre essa ideia foi mais próximo ali de um momento do mestrado. (...) No mestrado a minha dupla, que era uma moça, o trabalho dela era sobre transexuais. Então, o público da pesquisa dela eram transexuais e daí a gente debatia muito os assuntos e ela disse que ela tava lendo, que ela tava estudando né... e a gente trocava muita figurinha ali mais de um lado da Judith Butler, alguma coisa nessa pegada assim. Mas assim, na minha graduação não ouvi quase nada, por exemplo, aí eu acho um pouco uma falha da graduação né (...). Então assim, quando eu lia sobre isso era uma coisa muito individual, pessoal tipo: "Eu quero ler sobre isso, eu quero saber sobre isso, eu quero aprender" ou "Eu tenho uma parceira ali que tá estudando sobre isso" e aí você acaba né... debatendo. Então, quando eu vi foi por conta de colegas. (Rorschach)

Propõe-se, então, pensar a cisgeneridade como um mecanismo sócio-histórico concebido por meio de dispositivos biopolíticos, amplamente explorados na psicanálise, que regulam aquilo que é entendido como feminino ou masculino, patologizando, desumanizando e submetendo às margens aqueles sujeitos que não se inserem nesses gêneros binários inteligíveis (PORCHAT, 2020; RODRIGUES, 2016). A maioria das publicações em psicanálise sobre transidentidades foram produzidas por teóricos que tinham como base o entendimento epistemológico e clínico dessas identidades como concebidas no campo da psicose ou da perversão, em uma intensa preocupação com sua etiologia, partindo do pressuposto da cisgeneridade binária como norma (HERCULINO, 2021).

Ele (Freud) denomina como normal é... o homem ou mulher. Tudo que passa daquilo acaba sendo, esqueci qual a palavra que ele utiliza... "bizarro", alguma coisa assim, alguma ideia assim. (...) Então ele acaba trazendo tipo tanto o sexo em si como o normal, como sendo pênis e vagina e tudo além disso acaba sendo esse "bizarro" né. (...) Então a gente vê que ele denominava isso né. Tanto que perversão, a gente sabe que se a gente for seguir o modelo de estrutura psicanalítica já pega um outro sentido. Perverso é tudo aquilo que foge do normal, pelo menos nesse "Os três ensaios da sexualidade". Então a gente vê o quanto que tem isso ali presente na psicanálise, na base psicanalítica. (Laplanche)

Essa perspectiva demonstra uma incompreensão cisnormativa onde não é reconhecido que as interpretações dos processos de subjetivação estagnados no clássico "pai fraco" e "mãe simbiótica" possam auxiliar na manutenção da concepção dos gêneros binários enquanto naturais, situando as experiências trans dentro de um quadro psicopatológico (JESUS, 2014; SMIKAWA, 2015). Há ainda uma ausência de informações sobre o bem-estar dos indivíduos dessa população e outros elementos sobre a condução da prática clínica, bem como a transferência e a contratransferência (STONA, 2020).

Eu acho que falta conhecimento da área para poder dar conta dessas novas demandas né... falta estudo mesmo. Assim, mas eu acho que sim, eu acho que tem muito espaço e tem um trabalho riquíssimo que pode ser feito. Eu acho que é um trabalho que tá muito insipiente ainda dentro da clínica psicanalítica né. A gente não encontra uma gama de teoria, uma riqueza de muitas coisas em termos de teoria pra poder entender, né. (...) Falta conhecimento, acho que a gente tem que buscar conhecimento pra poder acolher com mais tranquilidade. (Horney)

(...) Dentro da psicanálise, que tem tudo a ver, a gente não encontra muita literatura disso, principalmente porque na psicanálise na época lá que a gente vai pesquisar, de 1800...1700... que a gente vai entender os recursos que a gente leva pro resto da vida como base né. Não tô dizendo assim como alguma coisa limitante, mas como base, isso deixa a desejar né. (Bonaparte)

As violências causadas pelo não reconhecimento clínico, teórico e ético em relação às transidentidades que tem como consequência uma escuta patologizante e desqualificante das experiências trans. Portanto, é necessário ampliar os saberes que garantam o reconhecimento das experiências subjetivas de pessoas não-binárias frente aos impasses epistemológicos da psicanálise ao se deparar com o rompimento do paradigma do gênero binário na sociedade (AYOUCH, 2016).

3.2. Défice na formação acadêmica

Os estudos de gênero são como “um campo de silêncio do currículo oficial”, uma vez que, no processo acadêmico, essa área do conhecimento continua recebendo pouco reconhecimento em relação a outras áreas de formação, de forma que suas produções teóricas vêm sendo constantemente deslegitimadas a partir de uma justificativa conservadora de que política não cabe à ciência (PARAÍSO, 1997).

Na faculdade, a gente vê só um pequeno pedaço de todo um infinito de conhecimento né, então é a gente que tem que buscar, é da gente que tem que partir esse desejo né... é... então acredito que esse é um ponto assim que pesa muito na clínica né... a gente tem que buscar, a gente tem que ir atrás. Então, as demandas vão surgir e essas demandas elas vão necessitar esse estudo, vão necessitar essa pesquisa, vão necessitar desse aprofundamento né. (Laplanche)

(...) A transmissão deveria fazer parte porque tudo que nós recebemos, nós aprendemos eu acho muito importante a gente... mandar pro mundo, né? Pra um aluno, num artigo, num projeto... Eu acho que a gente tem que beneficiar uma comunidade, eu acho que a gente tem que também estar disposto a isso. Por isso eu acho que tem que se comunicar sempre... É interessante assim, Freud sempre quis que andasse pela universidade, ele nunca quis que ficasse fechado, mas que a psicanálise entrasse pelo viés das universidades. (Spielrien)

Uma psicanálise interessada somente em si seria antipsicanalítica, pois almejaria ser ou ter uma identidade definida, confrontando a ética da transformação e do encontro. Ao reconhecer sua própria hibridez, a psicanálise contribuiria para a escuta de sujeitos minorizados pelos discursos dominantes, pois não se fecha em si mesma e busca compreender e atentar-se ao caráter inerentemente relacional do processo analítico. (AYOUCH, 2019). Logo, os analistas não podem deixar de reconhecer a sua própria inscrição social, bem como a da teoria, não temendo as transformações sociais, mas com elas encontrando-se e, conseqüentemente, sendo capaz de escutá-las (MARTINS, 2022). Em contraponto, a psicanálise ainda possui uma roupagem tecnicista, obsessiva e burocrática, com sociedades institucionais intangíveis que resultam em uma clínica elitista, racista e transfóbica, desassociada de um caráter, de fato, emancipador para dar lugar a patologia (ALBERTI, 2000).

Tem uma coisa muito elitizada na psicanálise que é outra coisa que tá sendo batido demais né? São as sociedades, os grupos... ficam aqueles senhores lá né... ali todos se auto bajulando, ninguém que é de fora entra... se você não for de uma sociedade lá formado de 5 a 10 anos com eles lá você não consegue nem falar, abrir a sua boca. E vai contra o discurso deles que é um discurso completamente né... pseudo-popular, aberto, sei lá o que né... Então assim, tem esse papo... estamos estudando isso, mas ele tá fora, eu acho do... dessa coisa elitizada que a psicanálise se encontra, então assim, me

parece que tá tendo uma guerra aí né? Não sei o que vai acontecer.
(Rorschach)

É o que acontece muito, assim... tem pessoas que são muito seletivas, pegam aquele grupo e ficam e se fecham muito. Eu vejo que o profissional perde muito porque nós precisamos... a gente tem que não se fechar pro novo, pra intelectualidade, pra abrir... Eu acho que na nossa profissão se nós nos abrimos... quanto mais nos abrimos mais a nossa clínica se enriquece, entendeu? (...) Acho que a gente tem muito, acho que a gente ainda tem muita dificuldade de ser ousado, né... a gente tem muito medo. Então a gente, querendo ser aceito num grupo, a gente acaba dizendo sempre as mesmas coisas, mas acho que a psicanálise tem muito a contribuir sim, a partir do momento que o profissional começar um pouco a ousar, a pensar sobre isso...
(Spielrein)

A partir dos dados coletados, surgiu uma questão: como superar o conservadorismo teórico na psicanálise? Sobre isso, Quinet (2017) propõe a reflexão: se Butler criticou a psicanálise a caracterizando como heteronormativa e machista, foi certamente porque os analistas assim não o fizeram. Isto posto, a fim justificar essa carência e preencher as lacunas teóricas apontadas, os analistas indagados em entrevista buscaram recorrer a uma suposta neutralidade ética em psicanálise.

3.3. Neutralidade ética e contratransferências transfóbicas

A ética em psicanálise é um dispositivo que busca viabilizar o discurso do sujeito sobre si mesmo, de forma que possa relatar livremente suas ideias e a sua história, expondo as opressões que o transpassam em um lugar acolhedor e seguro onde o profissional não tome suas experiências a partir de um lugar comum patológico, mas que valorize sua autodeterminação através da escuta (STONA, 2020).

(...) O desafio dos analistas me parece que é uma coisa que entra mais na gente, na gente analistas né, que é tentar fazer qualquer outra coisa ficar fora da análise. Qualquer outra coisa: opinião pessoal, um preconceito, se tiver, um que mais? Deixa eu ver... opinião pessoal, senso comum, preconceito, algum estereótipo, algum... deixa eu ver outra coisa... um lugar comum ele é pior que o senso comum eu acho. Um lugar comum, porque o lugar comum são aquelas frases feitas, e assim, os analistas, os psicólogos, enfim, até pra eu ir além da abordagem... É muito difícil quem tá atendendo, as vezes, não

cair num lugar comum: "É assim mesmo...", "Eu sei como é que é...", "Eu sei como é que você se sente...". Isso é uma angústia, isso tem me incomodado bastante, vou te dizer o porquê. Eu tenho percebido algumas pessoas com essa fala, né: "Ah, eu tô vindo aqui... você é o quinto psicólogo que eu vejo esse ano porque as pessoas que estão me atendendo eles ficam falando palavras assim...". A pessoa é uma mulher e aí a terapeuta é uma mulher e fala: "É assim mesmo, mana... É assim mesmo, mana...", "Se relacionar é assim...", "Homem é assim...". Sei lá, qualquer frase dessas né. É senso comum, é lugar comum. Cê imagina... se tá saindo essas frases assim numa sessão que não tem nada demais, cê imagina se for uma questão pontual né sobre não binarismo, cê imagina o que que esse psicólogo vai fazer, o quanto ele vai falar que não faz o menor sentido, né? Então assim o desafio pra mim é esse. É os psicólogos, os analistas não caírem num lugar comum dentro da análise como falas clichês que no caso não binário vai fazer menos sentido ainda. (Rorschach)

Nos relatos, verificou-se um forte discurso de que, na clínica, não se escuta sujeito binário ou não-binário, mas sujeitos inconscientes. Podemos traçar uma pergunta norteadora no que se refere ao tema: é necessário renegar as circunstâncias biopolíticas históricas de regulação social das experiências de sujeitos não-binários para sustentar o argumento da neutralidade do inconsciente?

(...) O inconsciente ele não tem sexo, o inconsciente ele não tem uma denominação, ele é só aquilo né, uma coisa, vamos dizer assim. Então, dentro da clínica em si, eu vejo que existe esse espaço de acolhimento né, até mesmo da clínica com base na psicologia em si porque a psicologia ela tem esse código de ética e o código ética. Eu acredito que ele acolhe todos os tipos, ele acolhe todas as pessoas, todas as sexualidades, todas as preferências. Então eu acredito que é acolhido sim a partir... e até mesmo na base pós-freudiana. (Laplanche)

Eu acredito que seria uma forma de lidar com o inconsciente. Assim como qualquer outro paciente, o paciente vem e, como eu falei, a gente tá ali como uma folha em branco. A gente esquece... porque assim, na teoria do Bion, a gente vê muito "esquece a teoria", quando eu disse "sem desejo, sem memória", a gente esquece todo o tipo de teoria pra colocar em cima do paciente porque acaba que se a gente entrar ali com a teoria acaba sendo um desejo nosso de querer encaixar o paciente a alguma coisa, que já foi um erro do Freud né. (Laplanche)

(...) Antes de ela ser algo que se considere não binária ela é um ser humano né... dotado de subjetividade. (...) Eu acho que se o psicólogo na sua prática se ele tiver ciente que antes de qualquer técnica que ele precisa ter isso como embasamento, ele tá na frente de um ser humano e as vezes é o próprio paciente que nos traz, digamos, como conduzir. (Bonaparte)

(...) Cada um é cada um, cada um vai ter a sua singularidade independente de ser binário ou não binário, preto, branco, gordo, magro... né? Eu acho que tem toda uma discussão aí... nem sei se é pertinente falar, mas eu vou falar... (Horney)

O analista corre risco ao acreditar que existe um âmbito completamente independente da psique, como se o que ocorre no interior da transferência fosse algo desagregado de uma conjuntura sócio-histórica que pode ser consequência da noção de realidade que ocorre desde as obras iniciais de Freud, onde se questiona sobre as marcas do mundo externo no inconsciente (PORCHAT, 2014).

A escuta adequada das pluralidades trans possibilita ao indivíduo encontrar um espaço de reconhecimento para sua identidade, seu corpo e seus desejos. Compreender que a história do sexo, da sexualidade e do gênero contribuem para o entendimento dessas identidades inseridas em uma estrutura de poder com interesses biopolíticos de controle social que fundamenta a naturalização cultural da cisgeneridade binária também pela via psicanalítica. É necessário partir da ruptura de um ideal binário de sexo/gênero pré-discursivo, natural, inquestionável e a-histórico e de um olhar normatizador dos corpos e desejos e perceber que podemos estar diante de novas modalidades de corpos que talvez não possam ser apreendidos pelos “mapas anatômicos contemporâneos” (PRATES, 2018; STONA, 2020).

Eu acho que a própria psicanálise é uma subversão. Então, eu acho que quem não assume um posicionamento de subversão não tá fazendo psicanálise, eu acho que a gente pode começar nesse ponto. (...) Freud, Lacan seguiu isso... Quem assume o posicionamento de psicanalista, de estudar psicanálise com uma ética. (...) Eu acho que são essas posturas que deveriam cair, essas posturas enrijecidas, fixas, antigas... Eu acho que essas posturas deveriam ser revistas né dentro da própria psicanálise, de quem tá exercendo a ética da psicanálise, que eu acho que isso faz parte da ética da psicanálise que é você criticar, é você procurar saber sobre. (Koch)

A psicanálise pode fornecer uma vigorosa crítica à normatização e a regulação social ao observar o modo como o poder social toma forma na psique, embora não deixe de haver psicanalistas que “acreditam que a psique tem suas próprias regras, é autônoma e isolada do mundo exterior, o que seria um absurdo” (BUTLER,

2018). Concomitantemente, os estudos *queer* têm a capacidade de expandir a psicanálise a seus limites, suscitando a busca, em suas brechas, das condições de compreensão do campo indefinido e sem fronteiras dos gêneros não-binários (PORCHAT & SANTOS, 2021).

Há no processo clínico de analistas cis em relação a pacientes trans uma intensa ansiedade que promove contratransferências transfóbicas acentuadas, pois as subjetividades e corpos trans “lembram o que perderam – tanto o que poderiam ter tido como o que nunca alcançarão” (HANSBURY, 2017). No tocante a isso, foi possível verificar um distanciamento e uma dificuldade de se implicar dos analistas em relação às questões levantadas nas entrevistas sobre o atendimento a pessoas trans não-binárias de forma a recorrerem a uma suposta neutralidade ética.

(...) A gente vê que poucos psicólogos se colocam nessas discussões, então logo quando a gente percebe que talvez poucos se coloquem, a gente se pergunta: será que tem pessoas que estão preparadas já que poucos se colocam pra essas discussões? Poucos talvez se preocupem com essa questão né e com questões similares. (Bonaparte)

A partir da observação desse impasse, o caminho para lidar eticamente com TNB não é somente desconstruir os saberes psicanalíticos sobre a etimologia e/ou funcionamento das transidentidades, mas também de investigar a hostilidade teórica, clínica e contratransferencial provocada por essas identidades subversivas em diversos analistas.

3.4. Escuta subversiva e alternativas para um fazer clínico emancipatório

Uma ruptura ocorre quando se nota que um sistema que busca elucidar uma totalidade parece abarcar somente um único segmento. Logo, as identidades não-binárias geram uma importante ruptura epistemológica e clínica, revelando que o gênero binário é apenas uma dentro de uma multiplicidade de possibilidades (AYOUCH, 2015). Portanto, é necessário aprimoramento da clínica psicanalítica de forma interdisciplinar que estimule a subversão de paradigmas teóricos, o que não significa o afastamento total da teoria, mas considerar os processos de normatização social sem produzir patologização das identidades fora do padrão binário. Então, é importante aprofundar em um aperfeiçoamento clínico que caminhe juntamente com os avanços epistemológicos, na medida em que vão se debatendo os impasses entre as identidades não-binárias e a psicanálise a fim de romper os conceitos historicamente construídos da diferença sexual, complexo de Édipo e sexuação (STONA, 2020).

De acordo com os profissionais entrevistados, para o êxito desse movimento de aprimoramento da escuta na clínica psicanalítica, é preciso levar em consideração os estudos de gênero contemporâneos, bem como as diversas contribuições científicas considerando a transdisciplinariedade.

Então... é aquilo de resistência e de quase que uma cisão, assim, da realidade e talvez questionar um pouco da formação dos psicanalistas como algo de uma jornada muito interna, de um compromisso muito grande, de um fazer artesanal, mas ao mesmo tempo... esse analista e o futuro analisando dele não existem no vácuo, eles não são ilhas que não se relacionam com nada, eles estão dentro de um contexto sócio-histórico que têm os próprios relevos e tudo mais e isso vai afetar no sofrimento deles. Então, pelo menos eu tenho percebido um movimento de sociedades importante e de analistas começando a questionar por que que a psicanálise não tá tão implicada com a sociedade, com a contemporaneidade, com os movimentos sociais e isso é

muito rico... E eu tô vendo isso com a questão da raça, mas eu acho que vai... que também tá se passando com as questões de gênero, desigualdades sociais e... outras problemáticas... tá travado, mas tá acontecendo. (Bicudo)

(...) A gente ainda tá nessa fase de, digamos, descoberta né e aplicação de tudo que a gente conhece, que a gente tá conhecendo para o lado científico, para esse lado de descoberta, pra englobar, pra gente conseguir é... fazer o máximo possível de algo que seja... que a gente construa a ciência aliada a isso, que são as mudanças sociais que a gente tem observado né. (Bonaparte)

Eu acho que na questão do discurso, do entendimento... Eu acho que é necessário um diálogo com outras áreas: da filosofia, das ciências sociais, né... da educação, das ciências de saúde, de um modo geral. Eu acho que esse diálogo ele é necessário, assim, porque a gente não é único né... A gente não sabe tudo e... a pessoa não vive num único ambiente então eu acho que precisa trocar, precisa dialogar sempre. (Horney)

Com o apoio dos movimentos trans, os sujeitos não-binários se mostram cada vez mais visíveis e autônomos para questionar as ambivalências das teorias psicanalíticas e suas práticas binárias, reiterando que não podem ser compreendidos como categorias essencialistas. Logo, cultivar um reposicionamento epistemológico que objetive alçar as pessoas não-binárias em posição de protagonismo em relação às suas vivências, incluindo-as diretamente na reconstrução das teorias acerca de suas próprias existências (AYOUCH, 2015).

Compreende-se que a hostilidade clínica onde analistas reforçam continuamente a mesma defesa aos pressupostos psicanalíticos clássicos desvela uma profunda ansiedade em relação a essas identidades. Os profissionais entrevistados acreditam que esse processo de subversão precisa também partir dos analistas, auxiliados pela análise pessoal, para saberem lidar com suas próprias questões e entendimentos das dinâmicas de gênero, de forma a evitar contratransferências que geram um ambiente clínico tóxico.

(...) Tem as questões que são base da psicanálise né... que a gente tem que tá em análise pessoal porque surgem conteúdos também, surgem demandas internas... na transferência, na contratransferência... e que somente um terapeuta, um psicólogo, um analista... tendo seguido o tripé psicanalítico,

fazendo a sua análise pessoal também... eu acredito que ele esteja preparado para dar prosseguimento a aquela análise. (Laplanche)

Eu acho que o desafio maior é o próprio analista e a forma como ele conduz a sua vida, enquanto analista e enquanto ser humano. Assim... Então, um analista sem uma análise pessoal, muito apegado às questões teóricas talvez tenha muitas dificuldades e seja muito desafiador lidar com essas questões, né... um analista mais aberto, analisado e, enfim, que viva a sua clínica na totalidade e a teoria é um amparo a isso, eu acho que transita com mais facilidade. Então assim, eu acho que o outro desafio que me ocorre também é a coisa de ser tudo muito novo. Então, requer, de novo, ir atrás, procurar... e pesquisar e entender que cada um é cada um e não dá pra despachar e botar tudo ali numa caixinha e tratar todo mundo do mesmo jeito não vai funcionar... Então, assim, acho que em termos de desafio é o novo né... que quem não foi atrás de buscar sobre o tema, buscar conhecimento e se debruçar sobre isso tem uma dificuldade... e a questão do analista consigo mesmo e da forma como ele conduz a sua vida e a sua clínica... Eu acho que essa é uma dificuldade. (Horney)

Uma escuta verdadeiramente subversiva questiona os pressupostos binários de gênero no campo psicanalítico e promove um progresso clínico baseado na compreensão de processos sócio-históricos de forma transdisciplinar, abandonando a antiga conjuntura narcisista e isolacionista observada entre psicanalistas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação dos diferentes pontos de vista de profissionais da psicologia implicados na clínica psicanalítica sobre a temática das identidades não-binárias, fomenta, de forma extensiva, os debates contemporâneos de gênero no campo da psicanálise no estado do Amazonas. Com isso, as particularidades das vivências não-binárias possibilitam a experimentação do corpo e o rompimento de normas dualistas previamente estabelecidas, criando formas de subjetividade que reivindicam visibilidade, emancipação e legitimação nos mais variados espaços, principalmente aqueles que se denominam como espaços de subversão e acolhimento de individualidades, como é o caso da psicanálise.

A partir dos relatos sobre a dificuldade de compreensão das identidades não-binárias percebe-se um processo intenso de invisibilização social dessas transidentidades, fenômeno este que é relacionado com processos sócio-históricos, biopolíticos e culturais que determinam o gênero binário como uma categoria primordial e a-histórica. Findam, então, por provocar uma desumanização dos sujeitos que subvertem esse sistema através da opressão sistemática em diversas esferas da vida em sociedade. Dessa forma, a patologização das identidades não-binárias mostra-se como um dos pilares do ordenamento do regime heterossexual do gênero binário no que se trata das práticas médico-psiquiátricas e psicológicas modernas.

A adesão de um discurso supostamente progressista de uma ética neutra em psicanálise mostrou-se presente nos discursos, principalmente quando a clínica é caracterizada como um ambiente de escuta que independe do prévio conhecimento de aspectos sócio-históricos das identidades não-binárias, mas onde somente é levado em consideração o inconsciente subjetivo da pessoa, que por sua vez é visto como autônomo e neutro, não subordinado aos regimes de poder do mundo externo. Logo, nota-se que esse ponto de vista culmina na impossibilidade do reconhecimento dessas identidades em sua totalidade na clínica.

As instituições acadêmicas formadoras revelam-se falhas quando renunciam sua capacidade subversiva para defender veementemente fundamentos cristalizados das teorias da psicanálise clássica, fechando-se para os estudos contemporâneos de gênero de forma a somente retroalimentar seu próprio narcisismo acadêmico, impulsionando um compromisso institucionalmente binário das universidades e de outras instituições formadoras.

É possível apostar em uma clínica de ruptura atrelada a uma escuta subversiva e à elaboração transdisciplinar junto a outras áreas do conhecimento e aos

movimentos sociais de emancipação, que reflita acerca desses processos de normatização social, subjugação e patologização dessas identidades que subvertem o regime da diferença sexual, a fim de desconstruir o modelo clínico hegemônico em psicanálise. Um processo de ruptura próspero necessita da ação dos analistas, auxiliados pela análise pessoal, para que desenvolvam mecanismos para evitar as violentas contratransferências prejudiciais para o progresso de uma clínica psicanalítica comprometida com o reconhecimento e emancipação das identidades não-binárias.

Essa pesquisa é uma voz subalterna que objetiva aprimorar a clínica psicanalítica de forma a reconhecer e valorizar as diversas experiências trans, visando o empoderamento desses indivíduos historicamente privados até mesmo do direito básico da inteligibilidade, uma vez que até mesmo a linguagem foi apropriada pela cisgeneridade.

Em síntese, as trocas de informações e as discussões levantadas através desse estudo, tornaram possível a concepção de uma escuta subversiva de perspectiva transgressora para a clínica psicanalítica através do constante questionamento do regime binário de gênero em um contexto de desvalorização dos estudos de gênero e *queer* como consequência da escalada de discursos conservadores e violentamente reacionários no país.

5. REFERÊNCIAS

AYOUCHE, T. Epilogue: Are Gender and Race Psychoanalytic Issues?. *Psychoanalytic Inquiry*, v. 40, n. 8, p. 680-685, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/07351690.2020.1827677>. Acesso em: 18 jan. 2023.

AYOUCHE, T. *Psicanálise e hibridez: Gênero, colonialidade e subjetivações*. Calligraphie, 2019.

AYOUCHE, T. Quem tem medo dos saberes T.? *Psicanálise, estudos transgêneros, saberes situados*. *Revista Periódicos*, [S. l.], v. 1, n. 5, p. 3–6, 2016. DOI: 10.9771/peri.v1i5.17171. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/17171>. Acesso em: 18 jan. 2023.

AYOUCHE, T. Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. *Percurso*, v. 54, n. 1, p. 23-32, 2015. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01498414/document>. Acesso em: 18 jan. 2023.

AYOUCHE, T. A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 58-70, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000400006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 jan. 2023.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira, 2018.

DA FONSECA PALMIERE, J. A., & BERNARDES, A. G. *Produzindo Corpos Trans: Cartografia pelo Território Virtual do YouTube em uma Perspectiva Pós-*

colonial. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v 21, n 1, p. 94-115, 2021. [Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/59371](https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/59371). Acesso: 18 jan. 2023.

GOMES, R., Souza, E. R., Minayo, M. C.S., Malaquias J. V., Silva, C. F. R. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In M. C. S. Minayo, S. G. Assis SG & E. R. Souza (Eds.) Avaliação por Triangulação de Métodos: abordagem de programas sociais (pp. 185-221). Fiocruz, 2005.

HANSBURY, G. Unthinkable Anxieties Reading Transphobic Countertransferences in a Century of Psychoanalytic Writing. TSQ: Transgender Studies Quarterly, v. 4, n. 3-4, p. 384-404, 2017. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/tsq/article/4/3-4/384/132829/Unthinkable-AnxietiesReading-Transphobic>. Acesso: 18 jan. 2023

HARTEMANN, G. Nem ela, nem ele: por uma arqueologia (trans*) além do binário. Revista Arqueologia Pública, Campinas, SP, v. 13, n. 1[22], p. 99–115, 2019. DOI: 10.20396/rap.v13i1.8654589. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8654589>. Acesso em: 18 jan. 2023.

HERCULINO, B. M. Discurso e psicanálise: efeitos de corpo nas transidentidades. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2021. doi:10.11606/D.59.2021.tde-10062022-134856. Acesso em: 18 jan. 2023.

JESUS, J. G. D. Transfeminismo: teorias e práticas. Metanoia, 2014.

LIMA, V. M; VORCARO A. M. O Pioneirismo Subversivo da Psicanálise nos Debates de Gênero e Sexualidade. Psicologia: Ciência e Profissão, 2020.

MARTINS, P. G. O espaço da diferença: a psicanálise híbrida de Thamy Ayouch. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 2022.

PARAÍSO, M. A. Gênero na formação docente: campo de silêncio do currículo. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/738>. Acesso em: 17 jan. 2023.

PORCHAT, P., & SANTOS, B. "Are we safe analysts?" Cisgender countertransferential fantasies in the treatment of transgender patients. The Psychoanalytic Review, v. 108, n.4, p. 411-431, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34851704>. Acesso em: 18 jan. 2023.

PORCHAT, P. Barulhos de gênero. In C. Françaia, P. Porchat & P. Corsetto (Orgs.), Psicanálise e gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina (pp. 35-43). Calligrafie, 2018

PORCHAT, P. Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler. Editora Juruá, 2014.

PRATES, A. P. Gozar de boneca: Mapas anatômicos e genéticos não localizam o gozo feminino. In C. Françaia, P. Porchat & P. Corsetto (Orgs.). Psicanálise e gênero: Narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina (51-62). Calligrafie, 2018.

PRECIADO, P. B. Testo junkie - sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. n-1 Edições, 2018.

PRECIADO, P. B. Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual. n-1 edições, 2014.

QUINET, A. Homofobias psicanalíticas. In A. Quinet & M. C. Fomigoni (Org.), A diferença sexual: gênero e psicanálise (29-41). Aller, 2017.

RODRIGUES, G. V. Escutando transidentidades na psicanálise: potencialidades

subversivas. Revista Periódicus, [S. l.], v. 1, n. 5, p. 171–184, 2016. DOI: 10.9771/peri.v1i5.17183. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17183>. Acesso em: 19 jan. 2023.

SIMAKAWA, V. V. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2015.

STONA, J. Ensaio para uma escuta não cisnormativa na psicanálise. Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama. Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65137>. Acesso em: 18 jan. 2023.

6. TABELAS

Figura 1.

Descrição do Processo de Análise de Sentidos

Etapa	Descrição
I. Leitura compreensiva	Investigação aprofundada das principais ideias com vistas à impregnação, à visão de conjunto e à apreensão das particularidades do material da pesquisa
II. Identificação e recorte temático	Identificação dos principais conteúdos que emergem dos depoimentos
III. Identificação e problematização	Identificação e análise reflexiva das ideias explícitas e implícitas dos depoimentos
IV. Busca de sentidos mais amplos	Identificação e análise dos sentidos socioculturais subjacentes às falas dos sujeitos da pesquisa
V. Diálogo entre as ideias problematizadas	Avaliação e ponderação entre as informações provenientes de outros estudos acerca do assunto e o referencial teórico do estudo
VI. Elaboração de síntese interpretativa	Estruturação de síntese das análises interpretativas elaboradas, buscando articular objetivo do estudo, base teórica adotada e dados empíricos.